

# ASPECTO DISCURSIVO: UM ESTUDO DA SUA REALIZAÇÃO NOS TEMPOS PRETÉRITOS E FUTURO NO PORTUGUÊS FALADO

Valdir do Nascimento Flores\*  
Silvana Silva\*\*

---

**Resumo:** Este trabalho apresenta análises do aspecto verbal, produzidas a partir dos princípios metodológicos construídos à luz da Teoria da Enunciação (cf. E. Benveniste). Nessa perspectiva, o aspecto é categoria discursiva ligada ao tempo. Em função disso, observamos haver alguma restrição de atualização aspectual nas formas de futuro, em virtude de o aspecto e de as modalidades excluírem-se mutuamente (cf. Travaglia 1981). As análises das ocorrências do passado contrapostas às ocorrências do futuro (todos do Indicativo) propiciaram a conclusão de que o aspecto é categoria verbal, quando analisada no discurso. Advérbios, sejam aspectuais ou temporais, quando inseridos em um enunciado, precisam a situação já estabelecida pelos verbos. Houve dois casos em que o aspecto foi atualizado no futuro. Por isso, aspecto passou a ser visto como categoria discursiva marcadora de continuidade realizada simultaneamente à fala de EU e dependente, para atualização, dos tempos da experiência de EU. As ocorrências orais foram extraídas dos *corpora* do projeto NURC e do projeto VARSUL.

**Abstract:** The following article presents analyses of the verbal aspects which are developed through methodological principles constructed according to the Theory of Enunciation (see E. Benveniste). In this perspective, aspect is a discursive category associated to the category of tense. Thus, we noticed a restriction in the emergence of aspects in future forms. Aspect and modals (probability, volition, desire) do not occur in the same sentence (see Travaglia, 1981). Analyses of past tenses contrasted with future tenses made us conclude that aspect is a verbal category if analysed in discourse. Aspectual adverbs and adverbs of tense, when contextualized, emphasize the meaning given by verbs. There are only two occurrences of future with aspectualization. Aspect is now a discursive category whose meaning is the duration, or not, of an action. This meaning is conveyed through speech and through the use of surrounding tenses. The spoken occurrences were transcribed from the *corpora* of the NURC and VARSUL projects.

**Palavras-chave:** língua; enunciação; aspecto verbal; tempo pretérito; tempo futuro; advérbios aspectuais

**Key words:** language; enunciation; verbal aspect; past tenses; future tense; aspectual adverbs

---

\* Universidade Federal do Rio Grande do Sul

\*\* Graduada em Letras pela UFRGS e bolsista de iniciação científica (PIBIC-CNPq)

## 1. Situando a teoria entre as teorias

Partimos da hipótese de que o aspecto é *tempo* interno (durativo ou pontual) a uma ação verbal, sendo atualizado por EU no momento de sua enunciação. Essa concepção vê o aspecto como categoria a ser analisada no discurso e como categoria dêitica, isto é, cujo(s) sentido(s) é (são) fundado(s) na e pela Enunciação (cf. Émile Benveniste 1988 e 1989). Com tal denominação, não estamos criando uma nova categoria, apenas vendo o aspecto sob uma nova perspectiva. De acordo com os estudos gramaticais, o aspecto pode se manifestar *lingüisticamente* de três formas, a saber, no léxico, na flexão verbal e na perífrase verbal. Nossa perspectiva vê o aspecto no discurso, isto é, na *língua em uso*.

Este trabalho surge da afirmação de Benveniste segundo a qual “todas as variações do paradigma verbal, **aspecto**, tempo, (etc) resultam dessa atualização e dependência em face da instância de discurso...” (1988: 282) [grifo nosso]. Ao contrário disso, as gramáticas de língua portuguesa e os estudos lingüísticos não consideram o aspecto como dependente da situação discursiva, mas apenas como algo dado de forma imanente. Essa imanência pode ser verificada em trabalhos de lingüística e mesmo em algumas gramáticas de língua portuguesa:

1.1. Segundo Costa (1990), o aspecto pode ser assim definido:

a) perfectivo: fato referido como global. Não-marcado para as nuances de constituição temporal interna. Também conhecido como tético (ação com fim).

b) imperfectivo: fato referido como marca de sua constituição temporal interna. Semanticamente restringido a lexemas que incluem o traço [+durativo]. Também conhecido como atélico (ação sem fim marcado).

1.2. Segundo gramáticos, a expressão gramatical do aspecto dá-se através de:

a) flexão verbal: manifestada num jogo de oposições entre tempos verbais. Exemplo: Eu cantei ontem. (acabado) Eu cantava ontem. (não-acabado).

b) léxico verbal: a expressão realiza-se sobre a raiz da palavra. Ex: cant- (contém o traço [+durativo]) e pisc- (contém o traço [-durativo])

c) sufixo: Ex: -itar (saltitar), -ecer (amanhecer), -ificar (glorificar). As respectivas noções de iteração, começo de ação e mudança de estado são vistas como

aspectuais.<sup>1</sup>

d) Perífrase verbal: Forma por excelência da expressão aspectual, segundo Barroso (1994). Ex: Eu comecei a cantar. Eu estou cantando. Eu acabei de cantar (fase inicial, ação durativa em desenvolvimento e fase final).

Com isso, observamos que a expressão do aspecto dá-se de forma imanente porque dependente do lexema do verbo, do sufixo, da flexão e da perífrase. Em outras palavras, o EU (categoria de pessoa que atualiza a língua), ao selecionar um verbo e um tempo, por exemplo, veicula necessariamente o sentido a ele atrelado lingüisticamente. Se EU diz: *Eu cantava muito ontem com meus amigos*, necessariamente é veiculado aspecto durativo e não-acabado, freqüentativo.

Por outro lado, podemos pensar que parte da atualização verbal do aspecto deve-se à instância de discurso. Em *O pedreiro começou a quebrar a calçada repetidamente*, o aspecto não é atualizado apenas pelas características do léxico e/ou da flexão verbal. Nesse caso, é possível considerar que o verbo quebrar [- durativo] é atualizado com traço [+ durativo]. Isso deve-se à ocorrência em uma dada situação de enunciação. Analisaremos, neste texto, as ocorrências orais efetivas (língua em uso), as quais foram coletadas pelos projetos NURC-POA e VARSUL-POA<sup>2</sup>.

As ocorrências orais são divididas em unidades que denominamos *enunciados*, isto é, o produto discursivo a partir do qual retiramos as marcas de *enunciação*, sintetizadas nos itens 2 e 3 dos princípios abaixo. A transcrição da pergunta do documentador é essencial para apreender a *enunciação*, pois a análise da língua em uso implica considerar referência no mundo e a alguém, nesse caso, o interlocutor (TU). Sendo o EU o centro de referência de sua enunciação, a categoria de tempo, tal como aqui é entendida, origina-se no presente da enunciação de EU. Logo, o presente da enunciação é referência para todos os outros tempos verbais. Esse presente não deve ser confundido com as marcas lingüísticas do *enunciado*, mas com a localização temporal de EU no momento de sua fala. Assim, uma narrativa realizada no

<sup>1</sup> Há aqui alguma diferença na classificação aspectual. Costa (1990) não considera a iteração como aspectual, como em saltitar, por que o aspecto deve ser visto em verbo com número singular, como saltar. Já Travaglia (1981), considera a iteração como repetição *pontual* de um fato, logo aspectual. Não trataremos dessas diferenças.

<sup>2</sup> O projeto NURC (Norma Urbana Culta) é uma coletânea de inquéritos da língua falada documentados na década de 70. O volume utilizado refere-se à língua culta da cidade de Porto Alegre e contém 8 inquéritos. O projeto VARSUL (Variação Lingüística da Região Sul) faz o trabalho de coleta dos dados de língua falada, transcrição e pesquisa na área de Variação Lingüística, dos três estados da Região Sul. Os inquéritos utilizados pertencem ao VARSUL de Porto Alegre e se referem a entrevistas da década de 90.

passado tem como referência o presente da *fala* de EU.

Os princípios de análise, tendo em vista Benveniste (1988 e 1989), são:

- 1) recursos lingüísticos para atualização do aspecto;
- 2) sentido aspectual em relação à ancoragem espaço-temporal;
- 3) categoria de pessoa (EU) como centro de referência de discurso.

## 2. Análises

Esse trabalho contrasta as ocorrências de passado e de futuro para verificar a afirmação de Benveniste (1965: 77) e, posteriormente, descrevê-la. Conforme Benveniste, *há uma diferença entre a temporalidade retrospectiva, que pode assumir várias distâncias no passado de nossa experiência, e a temporalidade prospectiva, que não entra no campo de nossa experiência (...)* Vejamos:

Enunciado (1)

1. *Doc.* (...) o senhor considera que a:: na escola era uma
2. escola bem aparelhada assim em matéria de
3. departamen::tos...?
4. *Inf.* (...) nós estudávamos lá.. as
5. aulas teóricas na faculdade e a parte de
6. laboratório também na PRÓpria faculdade.. e::
7. a parte PRÁTica nós íamos fazer na Santa Casa
8. depois... do quarto ano nós então íamos ter aula
9. na Santa Casa... aí nós começávamos a ter
10. contato com os doENtes... só aí.. que até então...
11. nós só tínhamos... de huMAno na nossa
12. FRENte... os cadáveres... então nós íamos pro
13. necrotério e fazíamos nossos estudos... nos

14. cadáveres... e depois então nós íamos pra Santa  
 15. Casa... (...) (DID-POA-6:333)

Enunciado (2)

1. *Doc.* quais o cursos que o senhor fez até chegar a
2. Universidade?
3. *Inf.* (...) estudei lá... para fazer... o vestibular... para a
4. Faculdade de Medicina... antigamente...o
5. vestibular era diferente... nós estuda/
6. fazíamos... doze cad/ doze matérias... e
7. dividíamos geralmente fazendo quatro
8. matérias para o por ano... fazíamos... um
9. período de três anos... até completar as doze... e
10. depois... íamos pro vestibular na faculdade (DID-POA-6:1)

Nos dois enunciados acima, o locutor (EU) organiza o tempo de sua fala em aspecto global de resumo dado pela primeira oração de cada enunciado (linhas 4 do enunciado 1 e 3 do enunciado 2), ação verbal essa que situa os fatos verbais consequentes e passados em fatos parciais. Tanto a forma no imperfeito quanto a forma no perfeito do Indicativo serviram como ponto de referência para as ações posteriores. No enunciado 1, observamos que o uso de advérbios temporais não apenas faz avançar temporalmente os fatos narrados por EU (ver *depois...* do quarto ano... linha 8), colocando o segundo fato verbal como mais próximo, mais presente de EU, mas também que os advérbios temporais como (só aí... que *até então*, linha 10) fazem com que a ação posterior retroceda, isto é, seja temporalmente anterior àquela a que precede. O verbo *estudar* (linha 4 do enunciado 1 e 3 do enunciado 2), que possui aspecto atético, nos dois casos em que foi usado adquiriu traço de telicidade dentro do qual se desenvolvem atividades. No primeiro, por sua posição no enunciado, que é de aspecto de fase global, no segundo, pelo tempo verbal – perfeito – e por sua posição. No enunciado 2, há avanços temporais, no entanto, a seqüência de orações das linhas 5 a 9 permitem afirmar que esses fatos de aspecto verbal parcial “conge-

lam” o tempo interno à primeira oração, pois espacializado. É a simultaneidade temporal entre a primeira oração do enunciado 2 e as orações seguintes é que nos permite falar em aspecto discursivo. A primeira oração marca aspecto global (pontual no sentido de ser resumo) enquanto as seguintes marcam aspectos parciais (durativo no sentido de ser detalhamento).

Os advérbios também são capazes de organizar a ação a partir do centro de referência (presente) de EU. Vejamos o caso 3 abaixo:

Enunciado (3)

1. (...) fui representante da minha série
2. junto à Federação antigamente... tinha uma
3. Federação Acadêmica... essa Federação
4. Acadêmica... era composta... de: alunos de
5. Todas as faculdades... e era um representANTE
6. De cada escola... formava então a diretoria da
7. Federação...(DID-POA-6:155)

Observamos o uso do advérbio *antigamente* (linha 2) que reorganiza a ação a partir do presente, fazendo a oposição hoje x antigamente. Assim, é que em (3), apesar de o perfeito introduzir o fato verbal como concluído no passado, o advérbio reorganiza a divisão temporal, estabelecendo um período de tempo entre *antigamente* e *hoje em dia* (tempo em que as ações citadas não mais ocorrem), dentro do qual são situados os fatos acabados (*fui representante da minha série*) e os durativos passados (*tinha uma Federação Acadêmica*). Qual a relação entre a forma do perfeito e as do imperfeito? A oposição aspectual fato durativo conclusivo vs. fato durativo indeterminado (*fui* x *tinha*) não é produzida pelo advérbio, mas por uma cristalização do uso que torna pouco aceitável uma enunciação como “teve uma Federação Acadêmica” (pretérito perfeito) com sentido de *existiu*. Essa cristalização dá-se no uso, pois não ocorre com todos os verbos de estado visto que o enunciado “houve uma Federação Acadêmica”, também com uso do pretérito perfeito, é possível.

Enunciado (4)

1. *Doc.* e quando a senhora era mais... mocinha assim o
2. que que a senhora fazia? Continuavam os

3. piqueniques ou havia outros passatempos?
4. *Inf.* Bom nós íamos muito também meu avô tinha
5. uma chácara lá em Caí
- (...)
6. (...) e outra vez o
7. meu avô.... era desses brasileiros muito
8. *descansados*.... foi buscar umas galinhas... e::
9. trouxe tudo dentro dum saco... (...)
10. (...)quando ele chegou em casa
11. e começou a tirar aquelas galinhas era só
12. galinha morta que saía... cada galinha que saía
13. a minha:: avó gritava mais... velho
14. *maLUco* ((risos)) (...) (DID-POA-45-488)

No enunciado 4, temos dois valores aspectuais imbricados: o aspecto de fase inicial e o freqüentativo, ambos na seqüência *e começou a tirar aquelas galinhas...* (linha 11) Imbricação é a união de dois valores aspectuais dentro de *uma* unidade de análise. O aspecto de fase inicial é dado lexicalmente (*começou a tirar.*) e discursivamente por sua posição inicial no enunciado. O aspecto freqüentativo dá-se pelo enunciado seguinte: *cada galinha que saía* (linha 13). A imbricação de sentidos aspectuais também é abordada por Travaglia (1981) no âmbito da frase. Na oração *meu avô era desses brasileiros muito descansados* (linha 7), observamos que há uma interação entre o aspecto lexical, o tempo e o aspecto discursivo para configuração do sentido de uma oração que não é propriamente uma ação. A interação do verbo de estado, existência, o tempo passado e o aspecto de duração indeterminada marca a existência do avô em uma narrativa, mas cuja existência não se circunscreve à experiência de EU.

Há casos em que determinadas formas foram consagradas pelo uso, determinando alguns valores aspectuais. Vejamos:

Enunciado (5)

1. *Doc.* Mas falando em piquenique como era esse
2. Piquenique?... lembra?
3. *Inf.* Ah me lembro a gente... já preparava an::tes... a
4. Mãe... fazia sanduí::che... ou (...  
...)
5. assim ... levava um bo::lo...e:: a gente saía de
6. manhã cedo... e passava todo dia assim fora...
7. uma vez que nós fomos com:: foi para Belém (DID-POA- 45:395)

O uso do imperfeito, no enunciado 5, marca aspecto verbal pontual, pois especifica um dos tempos em que a ação anteriormente dita, de aspecto durativo, aconteceu. Isso é reforçado pelo advérbio de repetição e reiteração *uma vez* (linha 7). Conforme classificação de Ilari (1996: 182), “vez significa ‘ensejo’, ‘ocasião’, ‘oportunidade’.” Assim, podemos considerar que a ordem – questão sintática – não seja o fator mais relevante para estudar o aspecto, na medida em que o primeiro fato verbal não é necessariamente aquele que é pontual, como poderíamos pensar em virtude dos enunciados 1 e 2.

Enunciado (6)

1. *Doc.* Seu time qual é?
2. *Inf.* Ah eu não tenho time... meu marido jogava  
(...)
3. (..) no tempo de solTEIro ele jogava no::
4. no colégio e depois jogou um tempo no Força e
5. LUZ:: no Cruzeiro mas foi pouco tempo... mas (DID-POA-45:300)

Na linha 3, *no tempo de solteiro ele jogava no colégio*, quando de seu momento de enunciação, não fica claro se EU situa o *jogo do marido* dentro de um tempo pontual *no tempo de solteiro*, ou se refere a uma situação durativa indeterminada dentro do período *no tempo de solteiro*. Logo a seguir, o EU toma seu enunciado como referência, para considerar o fato verbal *jogava* (linha 3) em relação a *jogou* (linha 4) como aspectual do tipo eventual. Isso é reforçado pelo sintagma preposicional



definido *no Força e Luz* e pela relação de *foi pouco tempo* e *um tempo*, que é mediada pelo advérbio temporal *depois*, o qual coloca as ações das linhas 3 e 4 em relação seqüencial. Isso desfaz a relação biunívoca entre sentido aspectual e forma, visto que, nesse uso, o sentido é avaliado pelas coordenadas enunciativas. Tal conclusão possibilita dizer que o imperfeito veicula sentido pontual em virtude do uso lingüístico. Nesse caso, a segunda e a terceira enunciações do informante têm aspecto imanente do tipo télico, enquanto a primeira tem aspecto imanente do tipo atélico. Essa imanência dá-se pela flexão do verbo *jogar*: Cabe lembrar que quando do momento e tão somente do momento da enunciação de *no tempo de solTeiro ele jogava no:: no colégio* é que a ambigüidade aspectual se instala.

Travaglia (1981: 152) afirma que o futuro é não-aspectual, por ter natureza virtual, de não-realização. Expressaria a categoria de modalidade (desejo, dúvida).

Observemos dois de seus exemplos:

Plantaremos muitas árvores no quintal.

Eu serraria as tábuas para você se tivesse um serrote.

De acordo com a definição de Travaglia, as duas frases não marcam aspecto. Costa (1990:54-74) propõe o que chama de *conjugação aspectual*. Nela inclui o futuro como tempo em que o aspecto se atualiza nas perífrases verbais como em : Estarei lendo/ Estarás lendo (e as outras pessoas do discurso). Segue-se a isso uma série de auxiliares como *ficarei, andarei, continuarei, permanecerai, começarei*, formando o que a autora chamou de “perífrases imperfectivas possíveis”. Este é o caso em que Travaglia admite a expressão do aspecto no tempo futuro. Exemplo: *Às quatorze horas, estarei conversando com os professores* (imperfectivo, não-acabado, cursivo, durativo). Não discordamos dessa posição, pois o gerúndio aspectualiza o verbo. Nossa unidade de análise, no entanto, é outra: o enunciado.

Em nossos dados, constatamos a existência de aspecto no futuro, desde que analisado no discurso. Segundo Gibbon (2000), a forma sintética de futuro vem cedendo lugar à forma analítica com auxiliar IR que em seu *corpus* representa 61% das ocorrências. De acordo com o ciclo de gramaticalização essa forma estaria representando, no atual momento, a modalidade: certeza/desejo. A noção modal de IR assegura a realização da ação. Poderíamos ver esse asseguramento como aproximação do futuro ao centro de referência em que EU está, logo, aos “tempos da experiência”?

Enunciado (7)

1. *Doc.* Me diz, foi fácil encontrar colégio pras

2. crianças aqui? Pro menino, né?
3. *Inf.* Foi. Eu [tive que fazer] - como ele já
4. fe- fez o pré o ano passado, então ele já
5. tinha uma vaga mais ou menos garantida, né?
6. no Leopoldina. \* E aí ele já está ali, já
7. fez matrícula, já vai começar daqui a pouco.
8. \*Não foi difícil, não. \*Meu outro agora vai
9. entrar no pré ali, o ano que vem ele [já] - já
10. entra no primeiro ano. (VARISUL-POA-8: 199)

Não há uma oração que marque um fato global do qual *internamente* se desdobrem outras ações. Há marcação de aspecto pontual. No enunciado 6, observamos que não são propriamente os verbos que garantem a noção de futuro assegurado, mas um jogo entre esses e os advérbios. Assim: *agora* (linha 8) marca presente enquanto que *vai entrar* (linha 8-9) joga a ação para o futuro. *Ano que vem* (linha 9) continua marcando a ação futura enquanto que *entra* (linha 10) marca presente. O uso de *entra* em vez de *vai entrar*, nesse caso, atenua um possível sentido de dúvida, incerteza que o futuro poderia marcar.

Vejamos o único caso em nosso corpus em que houve marcação de aspecto durativo no futuro:

Enunciado (8)

1. *Doc.*\*Ah! \*Uma coisa que eu queria falar, é que eu
2. acho que a sua voz é muito boa, né? da gente
3. ouvir. \*Vocês treinavam a dicção [pra]- [4pra
4. trabalhar na rádio ou é uma coisa natural?4]
5. *Inf.* \*[4Eu nunca tive, eu <nunc->4] não, eu nunca
6. tive, vamos dizer, uma- \*Nunca participei de
7. uma escola de rádio#teatro que existia em Porto
8. Alegre, (est) uns anos depois que eu comecei a
9. trabalhar em rádio. (...)

(...)

10. \*Aí um dia o Seu Peri Borges<sup>0</sup> chegou pra mim

11.e disse: «\*Seu Luion-» (...)

12.”\*Seu Luion-” \*Ele, um

13.homem de- \*Acho que tinha [cinco]- quarenta e

14. tantos anos, e chamar um guri de dezesseis de

15.senhor. “\*Amanhã o senhor vai estrear.” “\*Sim,

16. senhor.” “\*Você leva o <script> pra casa, lê

17.bem, ensaia e amanhã vem pro ensaio às

18. onze e meia.” \*Que era a novela da meia

19. hora<sup>0</sup> que eu ia estrear, aí chegou o dia e

20.tal, eu fui pra lá cedo, onze horas eu estava

21.na rádio, (inint), ensaiei, ensaiei, ensaiei,

22.me corrigiram, né? (VARSUL-POA-21:832)

Esse é o único caso em que há marcação de fases internas a um fato global de fase final no tempo futuro em nossos dados (4 inquéritos do VARSUL). Os fatos verbais: *leva, lê, ensaia, vem* (linhas 16 a 18) são internos, anteriores e logicamente determinantes do fato global *amanhã o senhor vai estrear* (linha 15). A utilização do imperativo coloca a ação como futura. A seqüenciação de fatos é parafraseada pelo locutor a seguir, em primeira pessoa do singular, utilizando o pret. perfeito do modo Indicativo (modo da certeza), para confirmar a realização da ação ordenada. O perfeito marca o aspecto pontual, o que nos mostra que o aspecto de fase parcial no futuro não é durativo como ocorria no passado.

Mesmo que o enunciado 8 marque aspecto durativo, ele não conta com a presença de advérbios temporais-anafóricos (*então, depois*) constantes nos enunciados de passado, os quais ajudam a promover uma seqüência temporal passível de avanços e retrocessos. Isso mostra que o EU tem menos controle sobre os fatos futuros, uma vez que cada novo fato é posterior temporalmente ao que lhe antecede, nesse caso. Se posterior, está longe do controle de EU que não pode manipular o futuro além de suas expectativas... presentes.

### 3. Conclusão

Confirmamos nossa hipótese da dependência do aspecto em relação à situação de enunciação tanto para os enunciados de pretérito quanto para os de futuro. Os enunciados (1) e (2) mostraram que o pretérito imperfeito pode adquirir o sentido de aspecto de fase parcial (durativo) ou de aspecto de fase global de resumo (pontual), devido a sua posição no enunciado de EU. Os enunciados (7) e (8) mostraram que, contra as expectativas, o futuro pode apresentar aspecto pontual e mesmo durativo, pois no caso desse último a ação é confirmada (para mostrar sua realização) com enunciados de passado. No enunciado (7), EU mesclou o verbo no presente com o advérbio de tempo no futuro para aproximar a realização da ação ao presente e, portanto, para *aspectualizar* a ação.

Vejamus uma possível descrição mostrando a passagem da língua à enunciação:

- 1- FALAR: três possibilidades temporais, um aspecto lexical selecionado;
- 2- FALAR (flexionado): um tempo selecionado, um aspecto lexical selecionado;
- 3- FALAR (flex.) + advérbio (conjunto dentro de enunciado): um tempo selecionado e relacionado ao EU, um aspecto lexical selecionado, um aspecto discursivo selecionado.

A conclusão do projeto é de que a enunciação tem seu sentido configurado em parte à atualização do aparelho formal da enunciação e em parte ao sistema lingüístico. Para Benveniste (1988 e 1989), os pronomes de primeira e de segunda pessoa são dêiticos porque dependentes da atualização no uso. Esses elementos passam a ser vistos como constitutivos do aparelho formal da enunciação em momento avançado de sua teoria. Acreditamos que também o aspecto, antes citado textualmente como categoria dêitica, passa a ser, num momento posterior, elemento discursivo do aparelho formal da enunciação.

## Referências

- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1977.
- BENVENISTE, E. “Natureza do signo lingüístico”. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1988. Cap. 4, p. 53-59.
- \_\_\_\_\_. “Os níveis de análise lingüística”. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1988. Cap. 10, p. 127-140.
- \_\_\_\_\_. “A natureza dos pronomes”. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1988. Cap. 20, p. 277-283.
- \_\_\_\_\_. “Da subjetividade na linguagem”. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1988. Cap. 21, p. 284-293.
- BENVENISTE, E. “Linguagem e experiência humana” In: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral II*. SP: Pontes, 1989, Cap. 64, p. 68-80.
- \_\_\_\_\_. “O aparelho formal da enunciação”. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral II*, SP: Pontes, 1989. Cap. 5, p. 81-90.
- \_\_\_\_\_. “A forma e o sentido na linguagem”. In: \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Geral II*. SP: Pontes, 1989, cap. 15, p. 220-243.
- CÂMARA, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário de Lingüística e de Gramática*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Problemas de Lingüística Descritiva*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.
- CAMPOS, O. G. L. et alii. “A flexão modo-temporal no Português Culto do Brasil: formas de pretérito perfeito e imperfeito do Indicativo”. In: *Gramática do Português Falado*. V.4: Estudos Descritivos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESQ, 1996.
- CORÔA, M. L. M. S. *O Tempo nos Verbos do Português: uma introdução à sua interpretação semântica*. Brasília, Thesaurus, 1985.
- COSTA, S. B. B. *O aspecto em Português*. São Paulo: Contexto, 1990.
- CUNHA, C. e CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. RJ: Nova Fronteira, 1985.
- FLORES, V. Subjetividade e Enunciação: as formas do discurso indireto e a hipótese de uma semântica metaenunciativa. Porto Alegre: PUCRS, 1997.
- \_\_\_\_\_. “Para um estudo da categoria aspecto nos verbos do Português do Brasil”. In: *Letras de Hoje*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, nº 116, p. 91 - 125.
- \_\_\_\_\_. V. e SILVA, S. “Aspecto verbal: uma perspectiva enunciativa do uso da categoria no Português do Brasil”. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000, nº 121, p. 35 - 67.

- FUCHS, A. “O aspecto verbal e dêixis”. In: Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas: UNICAMP, 1988 (nº 15).
- GIBBON, A. de O. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. Florianópolis, UFSC: 2000 (dis. de Mestrado).
- HILGERT, J. G. (org.) *A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: materiais para o seu estudo*. Passo Fundo: EDIUPF; Porto Alegre: Ed. universidade/UFRGS.
- LUFT, C. P. *Moderna Gramática Brasileira*. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.
- MATEUS, M. H. et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Almedina, 1987.
- NORMAND, C. “Os termos da Enunciação em Benveniste”. In: OLIVEIRA, S (et alli) *O falar da Linguagem*. São Paulo: Editora Lovise, 1996.
- RISSO, M. S. “O articulador discursivo “então””. In: *Gramática do Português Falado*. V. 4: Estudos Descritivos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996.
- ROSÁRIO, H. M. *A noção de referência em Benveniste*. Porto Alegre, UFRGS: 1999 (mimeografado).
- SAUSSURE, F. de. *Curso de Lingüística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- TRAVAGLIA, L. C. O. *O Aspecto Verbal no Português: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: UFU, 1981.
- \_\_\_\_\_. “O discursivo no uso do pretérito imperfeito do indicativo no português”. In: Cadernos de Estudos Lingüísticos. Campinas: UNICAMP, 1987. (nº 12).